Narrativas sobre o Negro no Futebol Brasileiro: de Mário Filho à novela "Lado a Lado" [1]

Christiane Bara PASCHOALINO[2]

Márcio de Oliveira GUERRA[3]

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Trata este estudo de uma comparação de como é relatada a história do jogador Carlos Alberto, que em 1914 jogava pelo Fluminense e usou do artifício do pó de arroz para esconder sua etnia, situação reproduzida na novela Lado a Lado, exibida pela Rede Globo, em 2013. O objetivo é mostrar formas diferenciadas e, ao mesmo tempo, recorrentes, de retratar o preconceito e o ingresso do negro no futebol brasileiro. Com isso, pretende-se ressaltar como a tradição inventada se configura no discurso sobre a identidade brasileira e o futebol.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; identidade; história oral; preconceito; teledramaturgia.

Introdução

No dia 05 de fevereiro de 2013, os telespectadores da novela "Lado a Lado" acompanharam a representação de um dos momentos mais destacados pela literatura que narra as primeiras participações do negro no futebol brasileiro: o caso de um jogador que, para ser aceito em campo, jogando ao lado da elite branca no começo do Século XX, usou o pó de arroz para esconder sua pele mulata. Na novela, escrita por João Ximenes Braga e

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestranda em Comunicação pela UFJF; Master of Business Administration/Marketing (American University - Washington, DC). Especialista em Marketing pela UNA/Belo Horizonte. Graduada em Comunicação Social pela UFJF e em Administração pela Fundação Educacional Machado Sobrinho/Juiz de Fora. Professora do Curso de Graduação em Administração das Faculdades Integradas Vianna Júnior/Certificação Fundação Getúlio Vargas (FGV). Email: chrica@gmail.com

[3] Doutor em Comunicação pela UFRJ; Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Especialista em Marketing pela Fundação Educacional Machado Sobrinho. Graduado pela Faculdade de Comunicação Social da UFJF. Professor Associado III da Facom/UFJF. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF na linha de Comunicação e Identidades; Diretor da Produtora de Multimeios da UFJF; Diretor da Rádio Facom; Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura da UFJF. Email: marcio.guerra@ufjf.edu.br

Cláudia Lage, o personagem Chico, interpretado pelo ator César Mello, reproduz um momento relatado por Mário Filho em sua obra "O negro no futebol brasileiro".

O texto de Mário Filho é considerado por vários autores como referência sobre a gênese da formação do futebol de massas no Brasil. Em sua primeira edição, em 1947, a obra trouxe uma importante contribuição para a discussão da própria identidade do brasileiro, inspirada que foi nos estudos de Gilberto Freyre. Ela inovou na metodologia a partir do momento em que valoriza sobremaneira depoimentos retirados de entrevistas feitas pelo autor. "É uma obra considerada precursora do recurso sistemático à história oral como fonte da história escrita, prática que só viria a se disseminar mais amplamente nas ciências sociais brasileiras." (FERNANDES, 2003). Mário Filho era defensor da tradição oral e afirmava que era "muito mais rica, muito mais viva, do que a escrita dos documentos oficiais, graves, circunspectos ou dos jornais que diziam quase nada". (FERNANDES, 2003).

Em sua narrativa, Mário Filho nos conta que a ruptura do preconceito em relação ao negro atuar no futebol se concretiza a partir da conquista do campeonato pelo Vasco em 1923, do São Cristóvão em 1926 e do Bangu em 1933. Esses times tinham nas suas formações jogadores negros, mulatos e de origem humilde, sem falar no fato de não pertencerem ao grupo de outros clubes considerados de elite da zona sul carioca.

> "Os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, pra ver quem jogava melhor". (FERNANDES, 2003, p. 11).

Antes mesmo do episódio com o jogador Carlos Alberto e o pó de arroz, Friedenreich, conhecido como "El Tigre", que atuava no futebol de São Paulo, e considerado o primeiro grande craque brasileiro, destacando-se em diversos clubes e na Seleção Brasileira por três décadas, também teve um comportamento que demonstrava a preocupação com o racismo na época. Autor de mais de quinhentos gols, jogou por mais tempo no Paulistano, entre 1917 e 1929. Seu gol mais famoso foi o da vitória do Brasil sobre o Uruguai no Campeonato Sul-Americano de Seleções em 1919 (FUTEBOL – Sesi, p. 27). Filho de pai alemão e mãe negra, ele também foi um dos que tentou esconder sua negritude. Situação relatada por Mário Filho da seguinte forma:

> Friedenreich, de olhos verdes, um leve tom de azeitona no rosto moreno, podia passar se não fosse o cabelo. O cabelo farto, mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos, meia hora amassando o cabelo. Primeiro untava o cabelo de brilhantina. Depois, com o pente, puxava o cabelo pra trás. O cabelo não cedendo ao pente, não se deitando na cabeça, querendo se levantar. Friedenreich tinha de puxar o pente com força, para trás, com a mão livre segurar o cabelo. Senão, ele não ficava colado na cabeça, como uma carapuça. O pente, a mão não bastavam. Era preciso amarrar a cabeça com uma toalha, fazer da toalha um turbante e enterrá-lo na cabeça e ficar esperando que o cabelo assentasse. Levava tempo. Embora principiasse quando estava jogando o segundo time, só terminava quando na hora da saída do jogo do primeiro time. O juiz impaciente, ameaçando começar a partida sem Friedenreich, e Friedenreich lá dentro, no vestiário, a toalha amarrada na cabeça, esperando, ainda desconfiado de que não chegara a hora de tirar o turbante. Era sempre o último a entrar em campo. Quando aparecia, finalmente, a multidão batia palmas mais fortes para ele. Era sempre o jogador mais aplaudido. A vantagem de entrar por último." (FILHO, Mário. p.61).

Mário Filho fala que, para entrar no Fluminense, a pessoa tinha que ser de boa família e que "ninguém no Fluminense pensava em termos de cor, de raça, mas tinha que ser de boa família" (Filho, p.36). Ele cita o caso de Joaquim Prado, que jogava no Paulistano e "que era do ramo preto da família Prado. Embora fosse preto, era de família ilustre, rico e vivia nas melhores rodas". (FILHO, p. 36).

O pó de arroz

Embora Friedenreich já usasse do artifício de tentar disfarçar sua etnia, fica claro que sua aceitação em campo se dava, principalmente, por conta de sua habilidade técnica, ou seja, além dos atributos apontados por Mário Filho como requisitos para frequentar clubes de elite, ser um bom jogador "abria portas" para a participação do futebol.

SOARES (1998) apresenta uma crítica à obra de Mário Filho, acusando-o de distorções nas narrativas. João Paulo Vieira Teixeira (2011)[4] afirma que:

> "Está claro que Mário Filho criou mitos, inventou tradições. No entanto, tudo isso começou a surgir já na narrativa de jornais [...]. Claramente, o mito dos homens negros serem fortes encontra muito mais respaldo nas narrativas jornalísticas, do que a ideia de que os jogadores negros são mais habilidosos que os demais e que se valem da malemolência para obter resultados positivos." (TEIXEIRA, 2011).

[4] "Mário Filho e os Jornais de 1923: Coincidências e Desencontros". Artigo apresentado no XXXIV Intercom – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.

Independente de alguma restrição que se possa fazer a essa tradição inventada, é interessante observar que isso não desmerece em nada a obra de Mário Filho. Especificamente sobre o caso Carlos Alberto, Fluminense e o pó de arroz, sua narrativa é extremamente interessante:

> "Tudo como devia ser. Nada de mistura. Valia a pena ser Fluminense, Botafogo, Flamengo, clube de brancos. Se aparecia um mulato, num deles, mesmo disfarçado, o branco pobre, o mulato, o preto da geral eram os primeiros a reparar. O caso de Carlos Alberto, do Fluminense. Tinha vindo do América, com os Mendonças, Marcos e Luís. Enquanto esteve no América, jogando no segundo time, quase ninguém reparou que ele era mulato. Também Carlos Alberto, no América, não quis passar por branco. No Fluminense, foi para o primeiro time, ficou logo em exposição. Tinha de entrar em campo, correr para o lugar mais cheio de moças na arquibancada, parar um instante, levantar o braço, abrir a boca num hip, hip, hurrah. Era o momento que Carlos Alberto mais temia. Preparava-se para ele, por isso mesmo, cuidadosamente, enchendo a cara de pó de arroz, ficando quase cinzento. Não podia enganar ninguém, chamava até mais atenção. O cabelo de escadinha ficava mais escadinha, emoldurando o rosto, cinzento de tanto pó de arroz. Quando o Fluminense ia jogar com o América, a torcida de Campos Sales caía em cima de Carlos Alberto: pó de arroz, pó de arroz. A torcida do Fluminense procurava esquecer-se de que Carlos Alberto era mulato. Um bom rapaz, muito fino. O pai tinha alguma coisa arranjada, batendo fotografia de formaturas. As turmas que se formavam, todos os anos, preferiam as fotografias de Carlos Alberto, pai. Assim, o filho entrara nas boas rodas. Sabia cativar, com aquela macieza de mulato, aquela delicadeza quase de moça, não precisava encher o rosto de pó de arroz. Era só ele entrar em campo, da geral partiam os gritos de pó de arroz. Carlos Alberto, sem se dar por achado, como se não fosse com ele, como se fosse com o Fluminense. E o pó de arroz acabou passando dele para o Fluminense. Uma vez Carlos Alberto não jogou. O time do Fluminense entrou em campo, os gritos de pó de arroz partiram da geral, do mesmo jeito. O Fluminense era pó de arroz, muito cheio de coisa, querendo ser mais do que os outros, mais chique, mais elegante, mais aristocrático. O pó de arroz pegou feito visgo. Quando um rubro-negro queria ofender um tricolor, vinha logo com um pó de arroz. E o tricolor ficava sem poder responder. Tendo de bancar o superior, de ser pó de arroz. Pó de arroz era coisa fina, cheirosa. O Fluminense não se envergonhava de ser fino, de cheirar bem. Tratando, porém, de ter mais cuidado de não botar mais um mulato no time. Principalmente um mulato que quisesse passar por branco." (FILHO, p. 61).

Já no relato de J. T. de Carvalho (2010)[5], sobre a origem do pó de arroz, conta que, em 1914, o América estava em crise fazendo com que perdesse dezenas de sócios, torcedores e jogadores, entre eles Carlos Alberto Fonseca Neto. O que diferencia seu relato do de Mário Filho é que ele afirma que, mesmo antes de chegar ao Fluminense, esse jogador já adotava a prática de passar pó de arroz no rosto:

[5] "A Origem do Pó-de-Arroz", blog do J.T. Carvalho. Disponível em: http://jtdecarvalho.com/blog/index.php/2010/10/08/a-origem-do-po-de-arroz/ Acesso em 28/03/2013.

> "É simplório e equivocado se dizer que, 'naquele tempo, havia racismo no Fluminense', quando o problema era muito mais grave. O odioso preconceito de cor permeava toda a sociedade brasileira, de longa tradição escravagista, e se expressava, por exemplo, no comportamento de todos os clubes com sede na Zona Sul do Rio de Janeiro. Todos, sem exceção. Intimidado por esse ambiente hostil, muito antes de chegar ao Fluminense, Carlos Alberto adotava a prática de passar pó-de-arroz no rosto, antes de entrar em campo". (CARVALHO, 2010).

CARVALHO (2010) apresenta um questionamento interessante sobre as razões de Carlos Alberto não ter sido chamado de pó de arroz quando atuava no América:

> "Mas e Carlos Alberto? Se ele já usava pó-de-arroz como jogador do América, por que não havia repercussão? Por que os americanos não foram chamados de "pó-de-arroz"? [...] Era quase um anônimo [...]. Tão logo passou a jogar – algumas vezes no time principal do Fluminense, o antigo hábito ganhou súbita e incontrolável notoriedade. [...] Eis a verdade: nunca houve qualquer interferência do clube ou ação alheia à vontade do próprio jogador, que já cultivava a exótica maquiagem antes de chegar à Rua Álvaro Chaves. Além disso, era uma costumeira provocação entre as maiores torcidas da época, se chamar de "pó-disso" ou "pó-daquilo": os rubro-negros eram "pó-de-mico"; os vascaínos, "pó-da-pérsia", um remédio para vermes muito popular no início do século XX".

PEREIRA (2000, p.114) apresenta uma versão diferente sobre o episódio do pó de arroz:

> "Nos clubes de maior tradição, como o Fluminense, a cor da pele aparecia ainda como um grande estigma, como mostrava em 1914 o caso de Carlos Alberto – retratado quando ainda jogava pelo América: após conquistar, junto com Marcos Mendonça, o Campeonato de 1913, transferia-se com ele, em 1914 para o Fluminense. No novo clube, ainda mais fidalgo que o primeiro, o próprio jogador parecia começar a incomodar-se com o tom de sua cútis. Xingado de "mulato pernóstico", por um torcedor mais exaltado, em um jogo de 1914, ele decide tomar uma atitude. Tentando apresentar-se em campo de forma mais elegante, resolveu passar pó de arroz no rosto para esbranquiçar a tez morena. Derretendo em meio ao jogo, a maquiagem do atleta foi logo percebida pela torcida adversária, que, aos gritos de pó de arroz, dava origem a uns dos símbolos que ainda hoje acompanha o clube das Laranjeiras. Mais do que uma excentricidade, o gesto de Carlos Alberto iluminava o preconceito ainda compartilhado pela maioria esmagadora dos sportmen ligados aos clubes elegantes em relação à presença negra em seus jogos".

As diferentes formas de narrativa sobre o caso do jogador Carlos Alberto e o pó de arroz reforçam a ideia de uma tradição inventada dentro do termo criado por HOBSBAWN (1997), situação definida por TEIXEIRA (2011) como aquela repetida por aqueles que poderiam contribuir por uma reconstrução do começo do nosso futebol.

Duas paixões: futebol e novela

Na mesma proporção que o futebol, a novela mexe com milhões de telespectadores com paixão, emoção, o imprevisível, drama, alegrias, decepções. Portanto, esse esporte não poderia escapar dos autores da dramaturgia brasileira. Uma primeira referência ao futebol aparece na novela "Os Estranhos", de Ivani Ribeiro, exibida em 1969 na extinta TV Excelsior. Nela, Pelé, já consagrado, faz uma participação especial. Outra que falou do futebol foi "Irmãos Coragem", de Janete Clair. Exibida em 1970 pela Rede Globo de Televisão, o personagem Duda (Cláudio Marzo) jogava no Flamengo. Quem também participou de alguns capítulos dessa novela, foi o jornalista João Saldanha que, além de assessorar Janete, apareceu em um dos capítulos comentando uma contusão de Duda. O próprio Cláudio Marzo, em "Véu de Noiva" (1969 – 1970), fez o papel de piloto de Fórmula 3, que sonhava em chegar à Fórmula 1, inspirado em Emerson Fittipaldi. Isso comprova que o esporte, como identidade nacional, merecia espaço nos enredos elaborados pelos autores da teledramaturgia brasileira.

Também em "Suave Veneno" (1999), de autoria de Aguinaldo Silva, o personagem Renildo (interpretado por Rodrigo Faro) jogava pelo Flamengo. Curioso é que uma das cenas da novela foi gravada antes da partida que o time carioca fez pelo Campeonato Brasileiro contra o Paraná. No jogo real, o Flamengo perdeu, o que gerou nas arquibancadas o pedido para que Renildo, da ficção, entrasse em campo. Fato já ocorrido em "Vereda Tropical" (1984 -1985), de Carlos Lombardi. Luca (interpretado por Mário Gomes) gravou uma cena no jogo entre o Corinthians e o Vasco. No jogo real, Serginho Chulapa marcou um gol para o Corinthians e o personagem Luca invadiu o campo para comemorar o gol e foi expulso pelo juiz. Os corintianos, insatisfeitos com o empate de 2 a 2, também pediram a entrada de Luca no time titular.

A novela "Duas Caras", de Aguinaldo Silva, exibida em 2007, apresentava Juvenal Antena, personagem interpretado por Antônio Fagundes, como torcedor fanático do Botafogo. Mais recentemente, na novela "Cheias de Charme", de Filipe Miguez e Izabel de Oliveira, exibida em 2012, Marcos Palmeira, interpreta o personagem Sandro, torcedor fanático do Vasco. Também em 2012, em "Avenida Brasil", Murílio Benício, interpretando o personagem Tufão, novela de João Emanoel Carneiro, é revelado pelo Divino Futebol Clube (time da ficção) e conquista a fama jogando pelo Flamengo.

> "Pensar na formação de uma memória do povo brasileiro é pensar obrigatoriamente em dois elementos culturais que já fazem parte da nossa história mais recente: o futebol e a telenovela. Pela capacidade de dirigir-se a um público muito amplo, que se envolve, se emociona e se identifica com seus "atores" (os jogadores, no futebol; as personagens, na telenovela), essas duas produções culturais ajudam a compor a memória desse povo". (ALENCAR, 2005).

O próprio ALENCAR (2005) nos diz em seu artigo que a telenovela "Salomé", de Sérgio Marques, de 1991, foi a que mais contribuiu para a construção de uma memória da história do futebol no Brasil. O drama retratava a década de 30 e mostrava o início da profissionalização do futebol no Brasil, por meio do time Palestra Itália (hoje Palmeiras), com o personagem Guto, vivido por Jandir Ferrari. "Ao contar a história do futebol ou ao contar a história real ou fictícia das partidas de futebol da realidade, a telenovela ajuda a construir a memória histórica, a memória coletiva, que irão contribuir também com a individual" (ALENCAR, 2005).

Certamente o autor, revendo seu artigo, colocaria a novela "Lado a Lado" (2012-2013), escrita por João Ximenes Braga e Cláudia Lage, como referência também entre as que mais contribuíram para retratar a memória do futebol brasileiro.

O Pó de Arroz em "Lado a Lado"

A novela "Lado a Lado" retrata vários momentos da história do Brasil, como a transição do Império para a República, resquícios da abolição, a "Revolta das Chibatas", registro de algumas manifestações da cultura africana como o samba, a capoeira e o candomblé, o surgimento das primeiras favelas, os primeiros automóveis e também a chegada do futebol no Brasil.

Os autores reproduziram com muita precisão a forma elitista de como o futebol chegou ao Brasil e de maneira mais destacada a restrição à participação do negro neste esporte. E, também, retrataram na trama como o futebol se popularizou e, aos poucos, caiu no gosto popular. Especificamente nos interessa aqui o capítulo do dia 05 de fevereiro de 2013. Nele, é reproduzida a referência ao caso histórico do jogador que, na história real, usou o pó de arroz para esconder a cor da pele.

Fonte: site do Jornal Extra[6]

A narrativa proposta para demonstrar o ocorrido se dá da seguinte forma: Albertinho, interpretado pelo ator Rafael Cardoso, convida Chico, personagem do ator César Mello, que demonstrava todo o seu fascínio pelo futebol, mas só conseguia praticá-lo na favela, para reforçar o time dos ricos. Albertinho tinha visto Chico brincando com a bola enquanto cuidava do campo em um dia em que não havia jogo. A habilidade do negro chamou sua atenção, mas havia um problema: o fato de Chico ser negro. Quando os dois entram em campo, o time, jogando com o uniforme preto-e-branco (e não tricolor), já estava no gramado. O personagem Fernando Vieira, interpretado por Caio Blat, trava o seguinte diálogo com Albertinho:

> - Então, era essa sua ideia brilhante? Pintar um negro de pó de arroz?
> - É a única forma dele parecer branco.
> - Isso não vai dar certo.
> - Deixem de ser medrosos. É a única maneira da gente ganhar o jogo. De longe ninguém vai perceber. Ele vai jogar na frente comigo.

A cena é interrompida com o diálogo de dois jornalistas que assistem ao jogo, enquanto veem Chico marcar diversos gols, inclusive um de bicicleta:

> - Tem alguma coisa estranha com esse jogador.
> - Tem sim. Um talento acima do normal.
> - Não é isso. Uma coisa estranha com ele. O rosto dele tá esquisito. Olha.
> - Tem razão, Edgar. O que está acontecendo? O que o Zé Maria está fazendo ali?

[6] Disponível em: http://extra.globo.com/tv-e-lazer/lado-lado-chico-usa-po-de-arroz-para-entrar-em-campo-7473093.html Acesso em 28/03/2013.

Zé Maria é o personagem interpretado por Lázaro Ramos, amigo de Chico, com quem participou da "Revolta das Chibatas", capoeira e um defensor do exercício da cidadania dos negros. Ao ver o amigo em campo, Chico trava o seguinte diálogo com Zé Maria:

> - Fazendo o que aqui, Zé?
> - Vim salvar sua honra. Limpa essa cara, irmão.
> - Satisfeito Albertinho? Você chama um preto pra jogar pra gente e vem outro atrás (fala do personagem Fernando Vieira).
> - Eu não tenho o menor prazer de estar aqui. Eu preferia estar no morro, que é lugar de gente decente, sem preconceito.
> - Pega seu amigo e leva ele contigo antes que eu chame a polícia (fala do personagem Fernando Vieira).
> - Foi justamente o que eu vim fazer. Tirar meu amigo desse circo armado por esse imbecil.
> - Ele fica. Ele é o melhor do nosso time (fala do personagem Albertinho).
> - Chico, você vai se sujeitar a uma humilhação dessas? Todo pintado de branco, um palhaço pra todo mundo rir de você?
> - Se esse é o problema, pega a minha camisa e tira esse pó de arroz do rosto (fala do personagem Albertinho).
> - Não se faça de bom moço. Você está preocupado em ganhar o jogo (fala do personagem Zé Maria).
> - Claro, sem ele a gente não tem chance (fala do personagem Albertinho).

Fonte: Blog do Mauricio Stycer [7]

[7] Disponível em: http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2013/02/06/o-negro-no-futebol-brasileiro-e-na-novela/ Acesso em 28/03/2013.

A cena é finalizada com a reação da plateia assustada, rindo com a revelação de que aquele jogador com pó de arroz era o negro Chico. Ainda acontece a fala de Zé Maria para Chico dizendo "esse mundo não é nosso" e a resposta do jogador dizendo "eu sei que futebol é coisa de branco e de rico, mas eu não vejo outra forma de ensinar a eles a jogar futebol". E é curioso também o pequeno diálogo dos jornalistas quando um indaga o outro sobre o que a arbitragem fará diante do fato. Um deles diz que, pelo que sabe, não existe na regra nada que impeça um negro de jogar. A imagem mostra o recomeço da partida, com Chico já sem o pó de arroz, e a afirmação do outro jornalista: "o juiz teve bom senso".

O site do *Jornal Extra*[8], de 04 de fevereiro de 2013, onde a cena da novela é relatada, lembra que não se trata de ficção e, sim, no caso ocorrido com Carlos Alberto, em 1914, no Fluminense. O site revela ainda que o ator César Mello, 35 anos, são-paulino, nunca teve muita intimidade com o futebol e precisou de dois meses de treinamento para fazer as cenas em campo. Sobre o uso do pó de arroz, o ator declarou o seguinte: "foi muito louco fazer a maquiagem. No começo, foi muito engraçado porque todo mundo me olhava e fazia alguma brincadeira. Mas, depois, uma transformação aconteceu. Quando entrei em cena, eu me dei conta do que estava acontecendo e o que aquilo representava".

Mas é interessante também perceber os comentários de alguns internautas sobre o fato. Um deles, afirma: "Que fantástico! Então é essa a origem do pó de arroz? Futebol é uma das coisas mais culturais do Brasil. Tanto que os xingamentos das equipes rivais são recheados de fatos históricos importantíssimos." Já outro, diz: "O futebol ajudou e ajuda a eliminar a discriminação racial no Brasil e também a social." E ainda, uma torcedora revela: "Não sabia o porquê do apelido de pó de arroz para o Fluminense. Sou tricolor, frequentava o Maracanã e, quando ao entrar em campo o time era recebido com uma nuvem de pó de arroz, achava bonito, mas não sabia qual a relação." E vimos, também, alguns torcedores sugerindo que a novela fosse utilizada em sala de aula.

Considerações finais

Se a tradição inventada é um recurso que se pode utilizar para a reconstrução de um momento histórico, as narrativas utilizadas tanto por Mário Filho como pelos autores da novela "Lado a Lado", exibida pela Rede Globo, que revelam o episódio do uso do pó de

[8] Disponível em: http://extra.globo.com/tv-e-lazer/lado-lado-chico-usa-po-de-arroz-para-entrar-em-campo-7473093.html. Acesso em: 28/03/2013.

arroz para camuflar a negritude de um jogador, retratando todo o preconceito da época em que o futebol se consolidava no Brasil, devem ser encaradas como diferentes na forma de reproduzir o fato, mas também correm o risco de apresentar distorções e falhas históricas.

O importante é perceber como as narrativas podem se diferenciar, o que valoriza a história oral, uma vez que vimos a essência do fato do uso de pó de arroz pelo jogador Carlos Alberto se confirmar em todos os autores e, também, na dramaturgia. A tradição inventada nos moldes pensados por Hobsbawn apenas reforça as possibilidades de diversas interpretações de um acontecimento, embora o fato histórico esteja preservado.

Chama à atenção a reação dos torcedores internautas à matéria publicada no site do *Jornal Extra*, anunciando a cena da novela, que explicaria o surgimento do apelido pó de arroz, quando sugerem que a novela fosse exibida por professores de história, geografia e outras ciências. Ou seja, a versão apresentada foi totalmente crível para os telespectadores que, certamente, irão reproduzi-la quando alguém lhes perguntar sobre a origem da expressão ou sobre a participação do negro no futebol brasileiro.

Tanto Mário Filho como os autores da novela focam suas narrativas no preconceito racial e sinalizam que o rompimento dessas barreiras se deu a partir do talento e habilidade dos negros, que começaram a tomar contato com o futebol e se identificaram com o esporte. O fato de um dos autores, encontrado em nossa pesquisa, revelar que Carlos Alberto já usava o pó de arroz antes de ser jogador do fluminense apenas acrescenta novos detalhes à narrativa, uma vez que o foco central que marca a referência do preconceito racial na sociedade brasileira é marcado pelo momento em que é revelada a identidade do jogador.

Ao mesmo tempo, um estudo como esse nos faz refletir sobre a importância, cada vez maior, da comunicação, da apuração à divulgação de um acontecimento. Sabemos e concordamos que os olhares podem ser diferentes, mas a famosa máxima que norteia o exercício profissional do jornalista ou pesquisador, que é a busca da verdade, pode esbarrar nas diversas possibilidades de narrativas com as quais eles se deparam.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mauro. **Memória coletiva e memória histórica** (e suas relações com o futebol e a telenovela). Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 106-115, jan./jun. 2005.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERNANDES, Luís. Prefácio. In: FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª edição – Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 10-13.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª edição – Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Editora Record, 2001.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

S.A. Futebol. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2012.

SOARES, Antônio Jorge. **História e a invenção de tradições no futebol brasileiro**. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Soares; LOVISOLO, Hugo (Orgs.). A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13 – 50.

TEIXEIRA, João Paulo Vieira. **"Mário Filho e os Jornais de 1923: Coincidências e Desencontros".** Artigo apresentado no XXXIV Intercom – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.